

1

PE ANTONIO DE OLIVEIRA GODINHO (\*)

**ROMA,  
SEU  
FASCÍNIO  
E  
SORTILÉGIO**

## ABSTRACT

The following text is part of the Opening Class given at this College on March, 7, 1989 by occasion of the 35<sup>th</sup> celebration solemnities of this Universitarian Teaching School foundation.

## RESUMO

O texto a seguir é parte da Aula Magna proferida nesta Faculdade, no dia 07 de março deste ano, como abertura das solenidades comemorativas do 35º aniversário de instalação deste estabelecimento de ensino superior.

---

(\*) O autor foi professor de História Antiga e Medieval nesta Faculdade e seu Diretor nos períodos de 26.08.1957 a 31.12.60 e de 31.12.60 a 14.05.63, atualmente exercendo as funções de Diretor do Museu de Arte Sacra de São Paulo

O italiano é um retórico por direito de nascença. A beleza superlativa da terra, somada à sonoridade cantante da língua e à mímica, que a traduz em gestos quase rituais, confere-lhe unicidade entre os povos de todos os Continentes. Ele é, por isso e, por assim dizer, um ator cósmico, e a retórica o seu forte. Cícero só poderia ter nascido em Tusculum. O Barroco povoou de triunfalismo as igrejas, as fontes, os palácios. A ópera surgiu, espontânea, naqueles palcos gloriosos. Engana-se, porém, quem nega ao italiano o senso de medida e do ridículo. O Barroco e o Maneirismo vieram depois do Renascimento. Rossini e Verdi depois de Vivaldi e de Palestrina. A Itália praticamente não conheceu o Gótico e o Rococó. Os burgos alemães e as cidades francesas ainda construía<sup>m</sup> sombrias catedrais em suas brumosas terras do Norte, quando os italianos já erguiam luminosos edifícios feitos para o Sol e para o perfume dos limoeiros do Mediterrâneo.

O Renascimento levou à perfeição a harmonia que, segundo o poeta Horácio, tinha conquistado os Romanos, quando estes conquistaram a Grécia. *Graecia capta ferum victorem coepit et artes intulit agresti Latio*. A Grécia conquistada conquistou o feroz conquistador e introduziu as artes no agreste Lácio.

Florença importava mestres de Atenas para formar seus humanistas. Os germânicos Burckhardt e Woelfflin e o inglês Berenson deixaram-se deslumbrar pelo Renascimento, do mesmo modo como São Francisco de Assis fascinou o dinamarquês Joergensen. A *Summa Theologica*, do meridional Tomás de Aquino, e a *Commedia*, do toscano Dante Alighieri, são obras-primas, síntese da cultura clássica e do pensamento cristão, exemplos, não superados, da mais ousada e severa arquitetura do espírito.

O Barroco italiano, comparado ao germânico ou ao Rococó francês, é um estilo que não perde a cabeça, mesmo com as acrobacias imaginativas de Berni-

ni e de seu rival Borromini. Os nórdicos têm fascinação pela Itália porque eles são da bruma e a Itália é do Sol: a diferença entre um fjord e a Gruta Azul.

Meu mestre de Arqueologia e de Arte, Engelbert Kirschbaum, enamorado da nativa Colônia e das igrejas românicas, que a povoam, miraculosamente preservadas pelas bombas das duas últimas guerras, era insuspeito ao pôr em relevo esse paradoxo no confronto entre o Bizantino, o Gótico, o Renascimento e o Barroco. Hei de encontrar, ainda, entre as minhas amarelecidas notas, algumas dessas observações que nunca li em qualquer historiador da Arte. Quem partilhava da mesma opinião era seu colega, o aristocrata Ludwing Von Hertling, catedrático de História e personalidade rica de denso conteúdo humano. Seu pai fora o último Chanceler da República de Weimar e o criador dos *Monumenta Germaniae Historiae*. Suas aulas eram ponto de encontro dos alunos de outras Faculdades, livres naquele horário. Traçava amplos panoramas das eras - baseado no que chamava de *Geistesgeschichte* (\*) - e desvendava, para nós, insuspeitadas conexões entre os fatos e os grandes períodos da caminhada humana, para individuar no homem livre o primeiro agente da História. Kirschbaum era o analista das similitudes e dos contrastes do temperamento dos povos refletidos na obra de arte. Comprazia-se em pôr em relevo os pontos de contato existentes, -- por exemplo, entre o temperamento dos espanhóis e o dos russos. A teologia russa anda à busca do mistério, sua arte confina com as fronteiras da abstração, sua ascese funda-se no monaquismo recluso em mosteiros que são castelos postados no vértice dos montes. A teologia espanhola ocupa-se da *noche oscura* que se torna *noche sosegada, musica callada, soledad sonora e dichosa ventura*; sua arte tem cintilações mouriscas e transparências góticas; seus místicos são doutores, poetas e guerreiros. El Greco encontrou em Toledo um paraíso. Picasso poderia ter si

(\*) A história do espírito.

do pintor de ícones. Russos e espanhóis sempre andaram à procura dos extremos. Comparem a tourada e o *ballet*; as danças dos cossacos e o flamenco; a consciência teocrática dos Reis Católicos e a Santa Rússia de Wladimir Soloviev e de Nikolai Berdiaeff; Rasputin e La Pasionaria; o plateresco insculpido nas pedras das catedrais peninsulares e os mosaicos evanescentes, em que os azuis e o ouro tornam espectrais as paredes e as abóbodas das igrejas e dos mosteiros bizantinos e encontrarão, inteiras, a Espanha e a Rússia. Esses mosaicos são ricos de cores e de figuras. O fundo de ouro, a ausência de perspectiva e de terceira dimensão, as desproporções e as estilizações dão-lhes, às vezes, o caráter do mais puro candor e de doce *naïveté*. Eles cobrem as paredes, para escondê-las, ou negá-las, criando um espaço absoluto, cujos limites são marcados apenas pela luz. -- Dão fluidez à matéria e põem faíscas etéreas nos olhos fuzilantes do Cristo Pantocrator. Neles, o Tempo e a Eternidade misturam-se exatamente como nos abismos infinitos que povoavam de terror as noites de Pascal. Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz poderiam ser enumerados entre os grandes Padres Orientais dos quatro primeiros séculos. Sant'Appolinare Nuovo, Sant'Appolinare in Classe, o túmulo de Gala Placidia, em Ravenna, assim como São Marcos de Veneza, são enclaves do Oriente, lá onde o Adriático deixa de ser latino. A Catedral de Toledo, na Espanha, e Santa Sofia de Constantinopla, esta com suas cúpulas parecidas a tendas de um circo peregrino pousadas sobre a terra, foram geradas no mesmo espírito que reconhece ao eterno o absoluto primado sobre o efêmero. No Gótico, a desproporção entre o comprimento, a largura e a altura; a negação da pedra lavrada a modo de bandeja de prata espanhola, trabalhada como renda de Bruxelas e sublimada pelos *vitraux* das grandes janelas e das rosáceas, não têm qualquer parentesco com a luminosidade do Barroco italiano. Mas têm, sim, com o Bizantino, não pelo mosaico cintilan

te, mas através do vidro, em cores, transfigurado pela luz. A parede transforma-se em imensa janela, toda faíscação luminescente, espiritualizando a matéria e comunicando fluidez de fantásticos contrastes aos claro-escuros. Esse álgido e sombrio estilo permeou, ainda, o plateresco espanhol e o manuelino português. Os santos góticos são comparsas de tragédia. Os santos barrocos estão sempre participando de uma apoteose ou de um *gran finale*. O Barroco é feito de curvas, como o Universo e o espírito humano. O barroco mexicano, o peruano, o equatoriano são tributários diretos da arquitetura idealista espanhola, ao passo que o sóbrio barroco brasileiro, descontento que o Aleijadinho lhe deu de côr local, foi buscar em Vignola, pelas mãos dos Jesuítas, a sua composta-inspiração. Aliás o barroco mineiro só podia mesmo ser mineiro. É severo como um perfil de montanha feroza, ao passo que o baiano tem a luminosidade das praias sem fim e a sensualidade dos coqueiros, cheia de secretas conivências com o vento.

Sempre gostei de Arqueologia. Os mundos mortos me fascinam. Falam, qual vivos. Quando vi Tutankamon repousando, de olhos arregalados, na múmia de ouro do Vale dos Reis, às margens do Nilo, entendi por que a morte, durante milênios, pôs-se a serviço da vida preservando-lhe, no ventre da terra, a memória e os segredos. A História é a desforra da Vida contra a Morte. A morte, velha alcoviteira, é sentinela sagaz mas, às vezes, distraída.

Foi uma grande emoção quando, recém-chegado a Roma, desci, trêmulo, ao seu sagrado subsolo, em cujos sombrios corredores, quem tem parte com os Anjos ainda pode ouvir o canto dos primeiros cristãos, em torno das tumbas dos mártires e da mesa do sacrifício eucarístico. Algures, neste livro, creio ter feito referência aos homens que viviam escavando esse subsolo vulcânico, desde o dia em que, no fim da segunda metade do século passado, Gian Battista -

de Rossi, após os primeiros estudos do jesuíta Pe. -  
Marchi, conseguiu reconstituir o epitáfio do Papa --  
Cornélio, partindo de um único e pequeno fragmento -  
de mármore do século terceiro. O descobrimento das  
Catacumbas foi mais importante que o descobrimento -  
dos túmulos dos Faraós. A morte nunca deixou de pa--  
gar algum tributo à vida. Sempre que me era possí--  
vel, ia àqueles lugares, impregnados de caras e ilus--  
tres memórias - uns abertos à visitaçãõ pública, ou--  
tros em fase de pesquisas arqueológicas. Minhas pre--  
ferências eram pelo Cemitério de Domitila e pelo do  
Papa Calixto. Neste, está a Cripta onde, entre o II-  
e o IV século, foi sepultada uma linda patrícia roma--  
na, a donzela mártir, de nome Cecília. Diz a tradi--  
çãõ que amava dedilhar a harpa e a cítara, bela como  
uma distante noiva de Apolo! Por isso, muitos sécu--  
los mais tarde, fizeram-na padroeira da música. Ma--  
derna viu-a incorrupta, no sepulcro, em 1599, e re--  
tratou-a numa escultura de rara beleza. Era emocio--  
nante chegar às Catacumbas, antes do nascer do Sol,-  
apanhar pequeninas velas de cera e sair por aqueles  
escuras ambulacros, contemplando os sepulcros dos --  
primeiros sucessores de São Pedro, lendo ingênuas  
inscrições, cristãs e pagãs, vendo os columbários e  
os lóculos cheios de ossos calcinados de patrícios -  
romanos ou de escravos cristãos e sentir, pelos te--  
tros corredores, a palpitação de alguns vinte sécu--  
los de obscuros triunfos e de não poucos gloriosos -  
fracassos. Após essas visitas matutinas, acontecia--  
me, às vezes, ir dar a uma bela *trattoria*, toda para--  
mentada de fragmentos marmóreos, inscrições mutila--  
das ou pedaços de monumentos de que é rico aquele --  
subsolo, e participar, por acaso, da festa de bodas--  
de camponeses da Ciociaria ou dos Castelos Romanos.-  
Creio que o vinho era tão rico de espírito quanto e--  
ram belas aquelas nobres inscrições que eu gostaria--  
de ter pregadas aos meus pobres muros, na exata hora  
em que escrevo estas distantes e pálidas reminiscên--  
cias.

Mas, não só as Catacumbas me atraíam e fascinavam. Passava manhãs inteiras traduzindo inscrições dos monumentos funerários da Via Appia. Os rebanhos tardos e preguiçosos, os pinheiros imóveis e rescendendo a excitante resina, o sol que escorre, sensual, sobre as pedras que as Legiões e os Mártires pisaram, não deixam pensar na morte que a ilustre estrada glorifica. As rodas da *botticella* sobre as pedras milenares enchem a noite de ruídos espectrais que se perdem nos montes Albanos, envoltos pela pálida neblina que sobe dos lagos adormecidos. A Via Appia possui a serena beleza das coisas que o tempo despiu de todo supérfluo.

Quando se fala de Roma, é inevitável falar-se de Arqueologia. Entretanto, há uma personagem, em Roma - a mais antiga e a mais ilustre, que não faz parte de seu acervo arqueológico, mas de sua história viva: o Papa. Especula-se muito sobre a exata origem do título. A mais aceita é a que o faz derivar da palavra grega *pappas*, diminutivo de pai. Mas um engenhoso escritor qualquer, há muito tempo, aventou a hipótese de ter sido formado pelas iniciais das palavras: *Petri Apostoli potestatem accipias!* Recebe o poder de Pedro Apóstolo. De qualquer modo, a palavra se parece às que são balbuciadas pelas crianças ao ensaiarem a articulação dos primeiros sons, estranhamente iguais em todas as línguas, prova de que, um dia, o gênero humano conheceu a perfeita unidade. As crianças, como o Papa, são universais.

Os Romanos amam o Papa e não podem imaginá-lo dissociado de sua paisagem. *Dov'è il Papa, lá è Roma.* Vão vê-lo, com frequência, misturados aos peregrinos de todo o mundo, na Basílica ou na imensa Praça. São muito apegados ao ofício, não propriamente à pessoa, porque sabem que *morto um Papa se ne fa un altro.* Mas, e talvez por isso mesmo, nunca o pouparam. Pasquino e Marforio são duas esculturas antigas, de mármore. O torso mutilado de Pasquino, es-

plêndida obra do terceiro século antes de Cristo, -- provavelmente representa Menelau, no ato de transportar o corpo de Pátroclo para fora do fragor da batalha, ou Ajax com o corpo de Aquiles. Tomou o nome do alfaiate remendão e corcunda, diante de cuja oficina foi desenterrado. Postado em um ângulo do Palácio -- Braschi, em 1507, alí permanece até hoje, quase na esquina da Piazza Navona, vis-à-vis do Palácio Doria Pamphilli, suntuosa sede de nossa Embaixada junto ao Quirinal. Márforio é uma grande estátua fluvial do I século depois de Cristo, posta inicialmente diante do Cárcere Mamertino, hoje diante da esplêndida fachada do Capitólio. Essas duas esculturas acolhiam, na calada da noite, as sátiras e as setas envenenadas com que os papas, seus parentes e as figuras importantes da Cúria e da administração do antigo Estado Pontifício eram sadicamente infernizados. Acreditava-se que o primeiro autor delas tenha sido o próprio remendão Pasquino. Esse diálogo feito de sublimado corrosivo, mais sublimado pela inigualável ironia até hoje cultivada nos becos do Trastevere, espelha boa parte da história da Roma seiscentista. *Satira tota nostra est*, disse Quintiliano. Os Romanos -- continuam fiéis a esse patrimônio. Nos últimos dois milênios, houve várias tentativas de erradicar das margens do Tibre e da Colina do Vaticano o mais ilustre habitante da Urbe. Falharam todas, porque velam por ele Deus e os romanos, seus vizinhos.

Quando estourou a guerra, em 39, eu terminara a Faculdade de Filosofia. Nos anos que se seguiram, cursei as Faculdades de Teologia e de Direito Canônico, ao mesmo tempo que, com autorização especial, frequentava os cursos de Arte e Arqueologia, na Faculdade de História da Pontifícia Universidade Gregoriana.

Minhas primeiras férias de verão foram na colina de Montenero, acima de Livorno, na Toscana; as últimas, na Umbria, em Assis, o burgo medieval, a ca

valeiro do Vale de Spoleto. Entre aquelas e estas, - uma década transcorrera no convívio tranqüilo dos li- vros, na adorável fruição das artes, a despeito do - cruel e dementado estridor das ferramentas de guer- ra. Nossa hospedaria situava-se junto ao *Duomo* de -- San Rufino, em cuja pia batismal, existente ainda ho- je, o recém-nascido Francesco, filho do poderoso co- merciante de panos raros, Pietro di Bernardone, foi inscrito na Milícia cristã, no dia 26 de setembro de 1182. Cuidavam dela umas suaves freirinhas america- nas do Norte, pertencentes a um dos tantos ramos da família franciscana, a Congregação com o nome exóti- co de *Our Lady of Atonement*. Provindas do lincolnia- no Kentucky ou do selvático Arizona, punham um toque de saxônica ternura na paisagem umbra, onde a luz e as cores se fundem em meios-tons quase imperceptí- veis. Nem a guerra conseguirá afastá-las daquele san- tuário de paz. Àquela altura, ninguém ousava falar - em ecumenismo ou em união das igrejas. Depois da - frustrada tentativa da primeira metade do século XV, em Ferrara e em Florença, e das conversações de Lou- vain, entre o católico Cardeal Mercier e o anglicano Lord Hallifax, passados quatrocentos anos, o que ha- via, mesmo, entre as religiões, era uma luta sem -- quartel na qual a sincera defesa da fé era feita, - quase sempre, a expensas da caridade. Essas suaves - freirinhas continuavam rezando pela reconciliação - dos que crêem em Deus, ou, pelo menos em Jesus Cris- to, na terra do ecumênico São Francisco.

Passei momentos inesquecíveis em Assis. Ao romper do dia, punha-me a escalar as encostas rocho- sas do Monte Subasio e logo me embrenhava pelos bosques de faias, carvalhos, tília e castanheiros, - semeados de torres e de castelos em ruínas, onde, na Meia Idade, iam à caça os rudes e sanguinários con- des, senhores daqueles feudos. Passava horas sobre o Monte Alverne, onde Francisco recebeu, de Cristo, os estigmas da Paixão, e me quedava ouvindo, meio absor- to, o zinzir das cigarras vadias e o ruflar das asas-

dos Querubins que, certamente, ainda pousam naqueles alcantis.

*Non est in toto sanctior orbe mons.*

Não há no mundo monte mais sagrado.

As imponentes ruínas da "Rocca", com as agressivas torres, ameias e seteiras, continuam fingindo ameaçar a Cidade, onde a paz se aninhara à semente da pomba mensageira da Arca. Os Cárceres, a Porciúncula, as Três Basílicas em cujas poderosas paredes Cimabue e Giotto ensinaram a arte de pintar -- aos gênios do Renascimento, o Conventinho de San Damiano, onde Clara servia à "soberana Pobreza" e de cujo minúsculo terraço, emoldurado de gerânios e de primulas, à vista do Vale de Spoleto, o *Poverello*, já presa da morte, entoou, ao nascer do Sol, o Cântico das Criaturas, povoaram de inenarrável poesia meus últimos dias na Itália. Nos becos e vielas, com os puídos degraus de pedra rosada, à luz de uma afogueada lua de verão, parecia-me surpreender o menestrel Francesco e a álaçre sarabanda cantando serestas e dedilhando alaúdes para ricas donzelas de tranças de ouro, protegidas pela sombra dos balcões floridos de anêmonas e de enfeitizados jasmineiros.

Foram as mais belas férias daqueles longos anos e sabiam a coisas que estavam acabando para sempre.

Os anos tinham passado com ritmo variado -- os felizes mais depressa; os tristes, lentamente. Éramos os sobreviventes de uma imane catástrofe. Não tínhamos, entretanto, muita consciência disso. H abituáramo-nos à vida perigosa. *Vivere pericolosamente* era o convite dos cartazes nos muros de Roma. E amadurecêramos sem perder aquele jeito de infantilidade indissociável da formação eclesiástica. Os meninos, de dez anos antes, eram, agora, moços coroados de -- láureas e onustos de títulos, prestes a começar, desta vez ainda, uma vida nova.

Aqueles anos tinham sido duros, e, por isso, ficáramos mais impregnados deles. Era muito penoso cortar as amarras. Recebi um convite da Secretaria de Estado do Vaticano. Ficaria em Roma ou faria a carreira diplomática, no Exterior, coisas ambas, - do meu agrado. Mas, urgia voltar. Recomeçar tudo. O presentimento indicava ser o derradeiro recomeço.

Quão diferente, da chegada, aquela partida! Quase um decênio passara-se da fria noite de novembro de 1936. Mas não passara apenas o tempo. Todo um mundo - um vasto e imponderável lapso da História - ficara enterrado nas cinzas ainda fumegantes de -- campos, aldeias, cidades. O sangue fora derramado sem economia. A besta do ódio desencadeara o imenso e represado furor. A terra que, há três ou quatro milênios, vinha fornecendo aos homens o pão, o vinho, o azeite, precisava ser recuperada: teve milhões de cadáveres a adubá-la. O deslumbrado adolescente da fria noite de outono, dez anos antes, refazia o itinerário ao inverso, cabisbaixo e apenas contendo as lágrimas. Muitos mundos, de fato, estavam aluindo ou jaziam, por terra, destroçados.

Era o dia 4 de outubro, festa de São Francisco de Assis, em cuja amorável aldeia, de pedra e de séculos, eu passara aquele derradeiro mês. Uma -- fria garoa de outono descia das nuvens baixas e cinzentas. Íamos costeando as praias ásperas do Mar Tirreno, também chamado Mar Latino, e as águas eram de uma cor que eu nunca vira mais triste. As aldeias encarapitadas nos montes, também eram tristes, como -- convém a um dia de angustiada partida. Nosso Colégio ficara com os últimos gerânios caindo em cascata, -- das sacadas, e as fenecidas rosas trepadeiras despendendo, em cachos, da ingênua gruta de Lourdes.

Aportara a Nápoles em um belo navio de uma das frotas de passageiros de que a Itália tanto se orgulhava. Ia regressar no *Pedro II*, um velho traste do *Lloyd Brasileiro*, com âncoras lançadas em face do

Vesúvio, à espera do último escalão dos "pracinhas", arranchados nos arredores. Aquele jantar de Pompéia, quem há de esquecê-lo! - um pedaço de salame aqui, - um de pão preto acolá, um litro de vinho *Lacryma-Christi*, supérstite das cantinas de guerra, as ruas recobertas de cinzas da última e mais recente erupção do Vesúvio e um céu perdulariamente estrelado.

A travessia do Atlântico durou vinte e dois dias. O navio era pouco menos que infecto. O mar estava coalhado de minas, estranhas alcachofras com recheio de morte, arrebetadas, aqui e acolá, pelos enferrujados canhões que enfeitavam o velho barco. Na altura das Ilhas Canárias, fomos apanhados por uma tempestade que os lobos do mar chamam "Cordão de São Francisco". Dois ou três dias de pavor. O navio fazia a travessia superlotado por centenas e centenas de passageiros, espalhados e empilhados, à noite, pelos corredores e pelos convéses. Eram saldos de guerra, à procura de um lugar ao sol e não sei quantas mulheres, à procura dos pracinhas com quem casaram na Itália. Não me lembro de ter visto qualquer deles, quando, em brumosa manhã de novembro, aproamos ao Rio de Janeiro. Horas antes, caíra a Ditadura. Para alguma coisa servira a Guerra. Ou terá servido mesmo?

-----\*-----